

## A REFORMA PELO JORNAL\*

Houve uma cousa<sup>1</sup> que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las, quando um século despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava.

Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leito<sup>2</sup> de brasões. O jornal que tende<sup>3</sup> à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências,<sup>4</sup> de aspirações.

É fácil prever um resultado favorável ao pensamento democrático. A imprensa que incarnava<sup>5</sup> a ideia no livro, expendi eu em outra parte,<sup>6</sup> sentia-se ainda assim presa por um obstáculo qualquer; sentia-se cerrada naquela esfera larga mas ainda não infinita; abriu pois uma represa que a impedia, e lançou-se uma noite aquele oceano ao novo leito aberto: o pergaminho será a atlântida<sup>7</sup> submergida.

Por que não?

Todas as cousas estão em gérmen na palavra, diz um poeta oriental.<sup>8</sup> Não é assim? o verbo é a origem de todas as reformas.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 8, p. 1-2, 23 out. 1859), ESP2009 (p. 59-62) e MASA (p. 80-83). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA. Em ambas essas edições, essa variante, nas ocorrências seguintes, não será anotada, no singular nem plural.

<sup>2</sup> leito] leitos – em ESP2009 e em MASA.

<sup>3</sup> que tende] tende – em MASA.

<sup>4</sup> inteligências,] inteligência, – em MASA.

<sup>5</sup> A imprensa que incarnava] A imprensa que encarnava – em ESP2009; A imprensa, que encarnava – em MASA.

<sup>6</sup> Referência ao texto “O jornal e o livro”, que pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*.

<sup>7</sup> atlântida] Atlântida – em ESP2009 e em MASA.

<sup>8</sup> Não identificamos o “poeta oriental” a que Machado de Assis se refere. Jean-Michel Massa, em “A biblioteca de Machado de Assis”, fez a seguinte observação sobre o “domínio oriental” naquela coleção: “A eventual presença do domínio oriental na obra de Machado de Assis é um problema ainda virgem na crítica deste autor. Uma comparação atenta dos textos em questão e das obras de Machado de Assis trará, talvez, uma luz nova sobre certos aspectos de sua obra e de seu pensamento.” (MASSA, 2001, p. 30)

Os hebreus, narrando a lenda do Gênesis,<sup>9</sup> dão à criação da luz a precedência da palavra de Deus. É palpitante o símbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os caos,<sup>10</sup> e, cousa admirável! sempre nasceu dele alguma luz.

A história é a crônica da palavra. Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss,<sup>11</sup> no púlpito cristão,<sup>12</sup> Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado,<sup>13</sup> levantado em todas as *confusões* da humanidade. A história, não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma cousa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora a discussão<sup>14</sup> que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, e o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal, reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima, recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de factos.<sup>15</sup> Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.

Malévola faculdade – a palavra!

---

<sup>9</sup> Gênesis,] *Gênesis*, – em ESP2009. (Ver Gn 1,1-31)

<sup>10</sup> todos os caos,] todos caos, – em MASA.

<sup>11</sup> Jean Huss (Husinec, Boêmia, 1369? – Constança, 1415): religioso e reformador tcheco, precursor da Reforma. Morreu na fogueira, condenado pelo Concílio de Constança.

<sup>12</sup> Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss, no púlpito cristão,] Moisés, no deserto; Demóstenes, nas guerras helênicas; Cristo, nas sinagogas da Galileia; Hus, no púlpito cristão; – em MASA.

<sup>13</sup> multiplicado,] multiplicado – em MASA.

<sup>14</sup> Ora a discussão] Ora a discussão, – em ESP2009; Ora, a discussão – em MASA.

<sup>15</sup> factos.] fatos. – em ESP2009 e em MASA.

Será ou não o escolho das aristocracias modernas, este novo molde do pensamento e do verbo?

Eu o creio de coração. Graças a Deus, se há alguma cousa a esperar é das<sup>16</sup> inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.

As aristocracias dissolvem-se, diz um eloquente irmão d'armas.<sup>17</sup> E é<sup>18</sup> verdade. A ação democrática parece reagir sobre as castas que se levantam no primeiro plano social. Os próprios brasões já se humanizam mais, e alguns jogam na praça sem notarem que começam a confundir-se com as casacas do agiota.

Causa riso.

Tremem<sup>19</sup> pois, tremem com este invento que parece querer abranger<sup>20</sup> os séculos – e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares.

E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base atual do primeiro trono da Europa.<sup>21</sup>

Mas como! cortar as asas da<sup>22</sup> águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as proibidades cívicas.

Procedem estas ideias entre nós? Parece que sim. É verdade que o jornal aqui não está ainda na altura de<sup>23</sup> sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo.

Cortesania fina, em abono da verdade!

Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino colectivo<sup>24</sup> da humanidade. Há um polo atraente e fases a atravessar. – Cumpre vencer o caminho a todo o custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.

*M-as.*

---

<sup>16</sup> das] a das – em MASA.

<sup>17</sup> Não identificamos o “eloquente irmão d'armas” mencionado por Machado de Assis.

<sup>18</sup> E é] É a – em MASA.

<sup>19</sup> Tremem] Treme – em MASA.

<sup>20</sup> parece querer abranger] parece abranger – em ESP2009.

<sup>21</sup> Referência a Napoleão III (1808-1873), que, assumindo o poder em 1851, pôs fim à Segunda República Francesa e limitou a liberdade de imprensa e as liberdades individuais. A liberdade de imprensa, na França, só foi restabelecida em 1878.

Disponível em: <[https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Napoléon\\_III/134750](https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Napoléon_III/134750)>.

<sup>22</sup> da] de – em ESP2009.

<sup>23</sup> de] da – em ESP2009.

<sup>24</sup> colectivo] coletivo – em ESP2009 e em MASA

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. A reforma pelo jornal. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-2, 23 out. 1859. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=87>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 21-90.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

### **Endereços eletrônicos**

<https://www.larousse.fr>